

A IMAGNAÇÃO DO ESPAÇO E A ESCRITA, em Sophia de Mello Breyner Andresen
(apontamentos para uma conversa em Arouca em Outubro de 2017)

Proponho-me abordar aqui, e apoiando-me na leitura de alguns poemas, o modo como esta poesia concebe os espaços (interior e exterior) e a sua relação com a escrita.

Nos poemas escolhidos, tentei que se destacasse uma forma de atenção poética em que o olhar trespassa as coisas como se através dela olhasse uma complexidade, um enigma que apenas pode ser dito na nitidez e simplicidade desta poesia. Uma simplicidade que concentra assombro e alarme.

Começemos por dois textos deixados inéditos:

1.

A coisa mais antiga de que me lembro é uma tarde de Primavera em que eu talvez ainda não tivesse nascido. Pelo menos não me lembro de estar ali – só me lembro da claridade difusa daquele quarto em que a Primavera entrava. Uma calma infinita poisava sobre as coisas – como se fosse o princípio do mundo e tudo estivesse ainda intocado.

E eu vi uma mulher alta e branca atravessar o quarto e abrir a janela. Um cheiro de terra e de rosas e de tílias subia do jardim. Com certeza tinha chovido. Contra a luz os cabelos da mulher ficaram loiros e eram como um halo de nevoeiro doirado. Mas havia nesse doirado um tal ardor, um fogo tão intenso e tão secreto que toda a minha paz foi subitamente destruída”

2.

Comecei a escrever numa noite de Primavera, uma incrível noite de vento leste e Junho. Nela o fervor do universo transbordava e eu não podia reter, cercar, conter – nem podia desfazer-me em noite, fundir-me na noite.

No gume da perfeição, no imenso halo de luz azul e transparente, no rouco da treva, na quasi (assim no original) palavra de murmúrio da brisa entre as folhas, no íman da lua, no insondável perfume das rosas, havia algo de pungente, algo de alarme.

Como sempre a noite de vento leste misturava extasi e pânico...

Lerei agora um poema do primeiro livro (*Poesia* 1944) sobre a vastidão do espaço exterior, sobretudo marítimo, de cuja exaltação se alimenta a primeira poesia

I
De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquela praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua
II
Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro

Eis agora poemas de uma espécie de linha de fronteira entre o fora e o dentro, em que as casas são o elemento que agrega e guarda as grandes forças do exterior. Poemas em que a casa aparece como algo de rude e elementar. São poemas e entrevistas onde encontramos descrições da casa do mar onde na infância passava férias. Uma

casa que é simultaneamente real e ideal. Era uma casa pequena de dois pisos e caiada, construída praticamente na duna e fazendo face ao mar enorme.

“Casa Branca”

*Casa branca em frente ao mar enorme
Com o teu jardim de areia e flores marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
milagre das coisas que eram minhas*

*A ti voltarei após o incerto
Calor de tantos gestos recebidos
Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida*

*Em ti renascerei num mundo meu
E a redenção virá nas tuas linhas
Onde nenhuma coisa se perdeu
Do milagre das coisas que eram minhas.*

Sobre esta casa, vivida e também idealizada, dirá algo de essencial para a definição do que liga esta vida e esta poesia:

Há na casa algo de rude e elementar que nenhuma riqueza mundana pode corromper, e, apesar do seu halo de solidão e do seu isolamento na duna, a casa não é margem mas antes convergência, encontro, centro.

Muitos anos mais tarde, passávamos férias numa casa também simples e rudimentar. Foram os primeiros Verões no Algarve, na casa da Praia da Dona Ana, com o seu chão em tijolo cru, que largava um pó que nos deixava os pés encarnados, os colchões de folhelho, o fogão de lenha, os duches de água fria, e o enorme terraço sobre o mar, onde à noite olhávamos as luzes dos barcos que andavam na pesca “ao candeio”.

Nas evocações de ambas estas casas há uma espécie de sede de frugalidade que na poesia vai acentuar uma cada vez mais obstinada sede de simplicidade como se tudo o que é luxo se destinasse a destruir o que de essencial existe no esplendor do mundo, como se os excessos em poesia a afastassem de algo de vital que nela procurava. A memória deste Sul primordial, “rente ao chão”, ecoa nesta invocação, espécie de poema inédito encontrado entre os seus papéis:

Dai-me a casa vazia e simples onde a luz é preciosa. Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal. [...]. Dai-me a claridade daquilo que é exactamente necessário. Que a vida seja limpa de todo o luxo e de todo o lixo.

Esta essencialidade aparece, por exemplo, no poema “Manhã”, publicado em *Geografia*:

*Na manhã recta e branca do terraço
Em vão procurei meu prato e minha sombra
(...)
No meio dia da praia o sol dá-me
Pupilas de água mãos de areia pura*

*
A luz me liga ao mar como a meu rosto
Nem a linha das águas me divide
 *
Mergulho até meu coração de gruta
Rouco de silêncio e roxa treva
 *
O promontório sagra a claridade
A luz deserta e limpa me reúne

Num poema mais tardio, “A Casa das Portas da Vila”, a casa transporta a presença de verões perdidos no tempo, traz a visão da “ausência que começa”

Portas da Vila
 I
A casa está na tarde
Actual mas nos espelhos
Há o brilho febril de um tempo antigo
Que se debate emerge balbucia
 II
Com um barulho de papel o vento range na palmeira
O brilho das estrelas suspende nosso rosto
Com seu jardim nocturno de paixão e perfume
 ...
 IV
A casa jaz com mil portas abertas
O interior dos armários é obscuro e vazio
A ausência começa poisando seus primeiros passo
 (...)

Mas há uma outra dimensão poética das casas, aquela em que, de um modo alucinado, o espaço exterior parece invadir o interior das casas sob formas que parecem fantasmagóricas ou divindades impregnadas de paisagem. Por vezes é um vento impetuoso, por vezes é um anjo ou deus que habita no silêncio.

As Casas
Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em em volta dos meus passos
Eu sinto os grandes anjos cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços

“LUTARAM CORPO A CORPO COM O FRIO”

Lutaram corpo a corpo com o frio
Das casas onde nunca ninguém passa
Sós, em quartos imensos de vazio
Com um poente em chamas na vidraça

Num outro poema, o espaço interior coincide com a própria interioridade do sujeito, um espaço labiríntico e de terror, um lugar de medo, que o poeta arrasta para o exterior, para a claridade e a clarificação que a palavra poética comporta, como na tragédia grega. A palavra é dita, gritada no Largo, no pátio, num espaço solar e de nudez. É preciso não esquecer que o grito, para além de aparecer na poesia com frequência, é também o título de um conto ("O Grito" em *Histórias da Terra e do Mar*), e é o último acto de uma personagem de um outro conto "A Viagem" (*Contos Exemplares*)

O POETA TRÁGICO

*No princípio era o labirinto
 Secreto palácio do terror calado
 Ele trouxe para o exterior o medo
 Disse-o na lisura dos pátios, no quadrado
 De sol, de nudez e de confronto
 Expôs o medo como um toiro debelado.*

Por último quero fazer referência aos poemas em que a interioridade, o silêncio e o vazio das casas são a condição da escrita.

Em geral escrevia pela noite fora, quando os ruídos do quotidiano não se ouviam. Mas também escrevia de dia, num quarto que era uma espécie de gruta. Era no fundo da casa, longe dos barulhos. Era um quarto não muito grande, de paredes brancas e quase vazio. Tinha uma mesa e uma cadeira, um divã e algumas poucas estantes com portas de vidro que continham os seus livros preciosos. Sentava-se no rebordo de uma cadeira e face a uma parede. Não procurava uma janela com uma paisagem, embora a janela desse quarto abrisse para o jardim. O modo de concentração em que mergulhava exigia-lhe uma atenção focada em pedaços de vazio.

Há um poema escrito a propósito de Lord Byron e do Palácio de Mocenigo, em Veneza, em que essa equação entre vazio e escrita se projecta no modo como imagina um outro poeta a escrever. Mas é, de facto, a situação da sua própria escrita que nos é contada. Neste caso, o lugar evocado é enorme, visto tratar-se de um palácio, mas os atributos principais, a par da largueza, são o silêncio e o vazio

A Escrita

*No palácio Mocenigo onde viveu sozinho
 Lord Byron usava as grandes salas
 Para ver a solidão espelho por espelho
 E a beleza das portas quando ninguém passava*

*Escutava os rumores marinhos do silêncio
 E o eco perdido de passos num corredor longínquo
 Amava o liso brilhar do chão polido
 E os tectos altos onde se enrolam sombras
 E embora se sentasse numa só cadeira
 Gostava de olhar vazias as cadeiras*

*Sem dúvida ninguém precisa de tanto espaço vital
 Mas a escrita exige solidões e desertos
 E coisas que se vêem como quem vê outra coisa*

Podemos imaginá-lo sentado à sua mesa

*Imaginar o alto pescoço espesso
A camisa aberta e branca
O branco do papel as aranhas da escrita
E a luz da vela – como em certos quadros –
Tornando tudo atento*

Chamo a atenção para as passagens em que mais fortemente a imaginação cria o que vê : a multiplicação dos espaços, dos espelhos, das sombras, enrolando-se nos altos tectos, os rumores e ecos do silêncio.

Também aqui o deambular da imaginação pelo interior dos espaços enrola as sombras pelos tectos, amplia os ecos do silêncio, a visão das cadeiras vazias, a ausência de alguém passando sob a beleza das portas. Mas há uma pequena passagem que melhor reforça a concentração da atenção em lugares vazios e, sobretudo, descreve esse processo como o coração da escrita:

*Mas a escrita exige solidões e desertos
E coisas que se vêem como quem vê outra coisa*

Num outro poema, “Espera”, o último que vou ler, surge também a escrita e o modo como ela emerge num espaço interior e nocturno, numa espécie de hora em que as “visões” avançam, no vazio e no silêncio de uma alucinação concentrada. É a hora mágica da escrita

*Deito-me tarde
Espero por uma espécie de silêncio
Que nunca chega cedo
Espero a atenção, a concentração da hora tardia
Ardente e nua
É então que os espelhos acendem o seu segundo brilho
É então que se vê o desenho do vazio
É então que se vê subitamente
A nossa própria mão poisada sobre a mesa*

É então que se vê o passar do silêncio

Navegação antiquíssima e solene

Muitos outros poemas exemplificariam estas divisões, que são naturalmente artificiais. O que eu quis salientar não foi a justeza de nenhuma divisão, mas a que ponto o modo como um espaço, ou outro objecto são focados, decorre sempre de uma atenção obsessiva que rebenta a própria contingência das coisas, mergulhando-as na substância enigmática que é a da própria poesia.

Maria Andresen
1 de Outubro de 2017